



&lt;

*Felicidade,*

a partir de textos de Maurice Maeterlinck, enc. Andrey Moguchiy, Academia Russa de Drama Pushkin, São Petersburgo, Teatro Alexandrinski, 2011, fot. Luciano Rossetti © Phocus Agency.

## Prémios e premiados em São Petersburgo

Rita Martins

Fundada em 1703, a cidade de Pedro, o Grande, suscita admiração, até mesmo respeito, e, se não fosse pela imponente arquitectura dos seus palácios, seria pelas figuras que percorreram as suas avenidas, tais como Gogol, Dostoiévski e Tchaikovski. No centro da longa Avenida Nevski encontra-se o Teatro Alexandrinski, espaço emblemático das artes cénicas. Ai, Tchekov conheceu o desespero com o malogro da estreia de *A gaivota* (1896) e Meyerhold alcançou o reconhecimento com a encenação de *Dom João* de Molière (1900). Para celebrar este ofício de risco, tantas vezes ingrato, a enorme sala dourada e vermelha acolheu, no dia 17 de Abril de 2011, os participantes da XIV edição do Prémio Europa de Teatro e da XII edição do Prémio Europa Novas Realidades Teatrais.

Criado em 1986, com o apoio da Comunidade Europeia, o primeiro Prémio Europa foi entregue a Ariane Mnouchkine, em 1987, no Anfiteatro Grego de Taormina. Nesse ano, ainda o muro de Berlim dividia o continente, Mnouchkine dedicou o prémio aos artistas de Leste. Duas décadas mais tarde, uma Europa em crise debate-se com as desigualdades económicas, mas, São Petersburgo é a cidade anfitriã e Peter Stein, nascido em 1937 sob o regime nazi, é o galardoado. A complexidade dos movimentos históricos, entre a utopia e o fracasso, a tensão entre a realidade e a esperança, são ideias debatidas por Stein, cuja primeira encenação remonta a 1967, com *Salvo* de Edward Bond (Bremen). A extrema atenção aos textos e ao enquadramento histórico conflui num teatro crítico

onde, segundo Peter Iden, “as tragédias optimistas aparecem, igualmente, como tragédias do optimismo” (Iden 2001: 66). A sua longa e profícua carreira internacional, a ousadia e rigor com que tem encenado textos antigos e contemporâneos, justificam o prestígio dum encenador que mostra, através dos actores, e citando Shakespeare, “breves crónicas do tempo”.

De 1970 a 1985, na direcção da Schaubühne de Berlim, Stein pôs em cena peças de Ibsen, Gorki, Botho Strauss, Peter Handke. Embora se tenha esbatido o radicalismo político dos anos 60 e 70, o arrojo cénico ficou, desde essa altura, associado ao seu nome: a *Oresteia* de Ésquilo teve 12 horas de duração (Berlim, 1980), ou, já em 2000, o *Fausto I e II* de Goethe (Hanôver) foi representado, na íntegra, durante 20 horas, integrou 35 intérpretes e levou dois anos a preparar. A relação com a actriz italiana Maddalena Crippa levou Stein a mudar-se para Itália no início dos anos 90, onde vive desde então. Tem trabalhado com elencos de diversas nacionalidades – italiana, britânica, russa e alemã – em produções que têm sido apresentadas por toda a Europa. Ainda o ano passado, *Édipo em Colono* de Sófocles, protagonizado por Klaus Maria Brandauer, teve ovações por parte do público do Festival de Salzburg. Em São Petersburgo, na semana do Prémio Europa, o prestigiado actor austríaco voltou a actuar sob a direcção de Peter Stein em *A bilha quebrada* de Kleist.

Embora seja sempre possível lamentar os esquecimentos, o Prémio Europa, que distingue artistas com carreiras

Rita Martins

é crítica de teatro e investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Organizou em 2006 o livro *Teatro completo*, de D. João da Câmara, e publicou em 2007 o estudo *Raul Brandão: Do texto à cena*, ambos editados pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

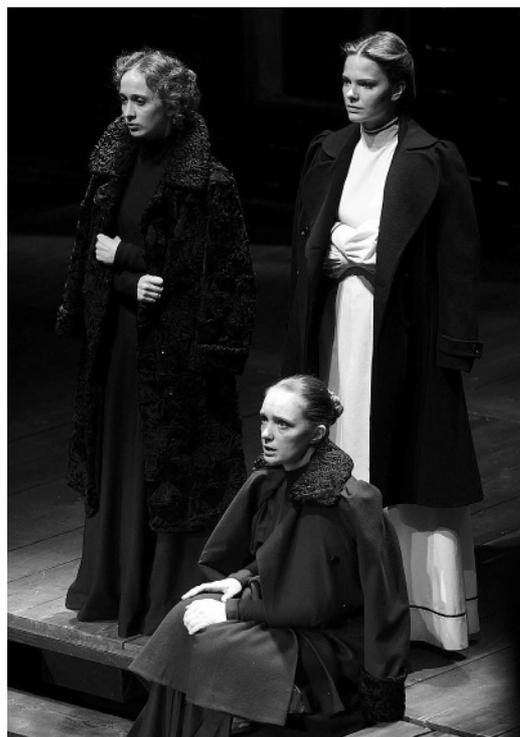
&lt;

*A bilha quebrada*,  
de Heinrich von Kleist,  
enc. Peter Stein,  
Berliner Ensemble,  
São Petersburgo,  
Casa do Báltico, 2011  
(Klaus Maria Brandauer),  
fot. Luciano Rossetti ©  
Phocus Agency.



&gt;

*As três irmãs*,  
de Anton Tchekov,  
enc. Lev Dodin,  
Companhia de Drama Maly,  
São Petersburgo, 2011,  
fot. Luciano Rossetti ©  
Phocus Agency.



&gt;

*O teatro*,  
enc. Viliam Docolomanský,  
Teatro Estúdio Farm in the  
Cave, São Petersburgo,  
Teatro Público Jovem,  
2011, fot. Luciano Rossetti  
© Phocus Agency.

consagradas a nível internacional, tem sido entregue a personalidades incontornáveis, que marcaram o teatro de forma indiscutível (Peter Brook, Pina Bausch, Giorgio Strehler, Heiner Müller, Harold Pinter, entre outros). A partir da III edição, é fundado o Prémio Europa Novas Realidades Teatrais, que considera "a totalidade do trabalho do candidato, o seu carácter inovador e a sua originalidade." A excelente iniciativa, que, de facto, serve de estímulo às tendências emergentes do teatro europeu, deixa em suspenso a interrogação sobre o conceito "originalidade" e levanta a questão – haverá algo de novo debaixo do sol? Especulações teóricas à parte, destacamos com orgulho a presença do Teatro Meridional, a primeira companhia portuguesa a receber o prémio, ao lado de Viliam Docolomanský (República Checa), Katie Mitchell (Reino Unido), Andrey Moguchiy (Rússia), Kristian Smeds (Finlândia) e o Vesturport Theatre (Islândia). Durante seis dias, críticos de todo o mundo tentaram acompanhar os quinze espectáculos programados e, ainda, as dez conferências que reuniram investigadores, críticos e artistas premiados. Katie Mitchell foi a única que não conseguiu levar as suas produções a São Petersburgo.

No que diz respeito aos espectáculos, embora fossem apenas uma pequena amostra do percurso destes criadores, não houve grandes revelações ou rasgos de "originalidade" – encenações bem executadas, actores competentes, cuja interpretação revelava a diversidade de escolas e tradições, e algumas cenografias espantosas. Há que salientar, porém, a qualidade e consistência dos projectos, assim como a sua relevância nos respectivos países. Docolomanský, atento às minorias e às identidades nacionais, explora a expressão humana através do teatro-dança, enraizando a pesquisa física em tradições e rituais. *SCLAVI / A canção de um emigrante*, resultado de uma investigação de campo sobre a emigração eslovaca, foi aclamado pela crítica, ganhou prémios e catapultou Farm in the Cave, grupo fundado por Docolomanský em 2001, para o panorama



internacional<sup>1</sup>. Em São Petersburgo foram apresentados *A viagem* (uma sùmula dos trabalhos da companhia) e *O teatro*, onde a exuberância dos ritmos brasileiros figura em tensões e provocações nos corpos intensos dos intérpretes, à procura de um espaço de liberdade e de uma razão de ser.

As pesquisas e o foco na fisicalidade do actor mostram afinidades entre Farm in the Cave e o projecto Provincias do Teatro Meridional. Dirigida por Miguel Seabra e Natália Luiza, a companhia é distinguida pela qualidade artística de trabalhos que cuidam da palavra e do gesto, pondo em cena textos dramáticos, literários e tradições orais, filtrados por uma fina sensibilidade antropológica e humana. *Cabo-Verde*, de 2007, e a mais recente produção, *1974*, estiveram em cena num envelhecido Teatro Komissarzhevskaya. O primeiro, sendo um bom exemplo do trabalho do grupo, contrasta com o segundo, que muito se afasta dos processos e linhas temáticas que definem o Teatro Meridional.

Nos antípodas destes dois colectivos poderíamos colocar a companhia islandesa, conhecida em Londres e apreciada pela crítica inglesa, mais concretamente por Michael Billington, moderador da conferência/encontro com o Vesturport Theatre. Muito bem acompanhada pela

<sup>1</sup> Ver sobre esta companhia: Cristina Guerra, "Divadlo é 'teatro' e que teatro!", *Sinais de cena*, n.º 11, APCT / CET, Junho de 2009, pp. 74–77.



<  
*Metamorfose*,  
 de Frank Kafka,  
 enc. Gisli Örn Gardarsson  
 e David Faarr,  
 Vestuport Theatre,  
 São Petersburgo,  
 Teatro Molodezhny em  
 Fontanka, 2011,  
 fot. Luciano Rossetti ©  
 Phocus Agency.



no dispositivo cénico foi prosseguida pelo finlandês Kristian Smeds, que adaptou *Mr. Vertigo* de Paul Auster, colocando os espectadores no palco giratório. Um drama em estações levou o público a girar enquanto seguia as etapas do percurso sacrificial de Walt, sujeito à crueldade de um Mestre que ensina a arte da levitação. Mais impressionante – pelo envolvimento musical e pela atmosfera misteriosa – do que compreensível, o espectáculo dispersou-se em capítulos e efeitos. O fraco domínio da língua finlandesa não ajudou.

<  
*Contos em viagem*,  
*Cabo Verde*,  
 enc. Miguel Seabra,  
 Teatro Meridional,  
 São Petersburgo,  
 Teatro  
 Kommisarzhnevskaya,  
 2011 (Carla Galvão),  
 fot. Luciano Rossetti ©  
 Phocus Agency.

A mestria técnica ficou patente nos espectáculos de Moguchiy, representante do teatro contemporâneo russo e fundador do teatro Formalny (1990), e de Lev Dodin, vencedor do VIII Prémio Europa. Com orquestra ao vivo, Moguchiy cruzou vídeo, cenografia bidimensional e enormes figuras tridimensionais para contar a história de uma família em *Felicidade*, a partir de textos de Maeterlinck. A experimentação e a audaciosa síntese de formas teatrais têm sido o apanágio deste encenador amplamente reconhecido. Já Dodin, director artístico do Teatro Maly e mestre de várias gerações de actores, apresentou *As três irmãs*, de Tchekov, sem efeitos, adaptações ou novas versões. A tragédia passava-se no rosto, transparecia na imobilidade dos corpos, enquanto as palavras se soltavam em modulações suaves, ínfimas, precisas. Uma contenção crescente implodia num silêncio desesperado ou sem qualquer esperança. Nesse espectáculo, assistimos à devoção, quase religiosa, dos actores à sua arte. Uma arte do desaparecimento, pela qual os intérpretes se fundem na palavra e num colectivo dedicado a uma missão maior do que os indivíduos. Só deste modo o teatro é uma nova realidade, sempre inovadora e original.

música de Nick Cave e Warren Ellis, a cenografia engenhosa e inteligente da versão cénica de *Metamorfose*, de Kafka (a perspectiva aérea do quarto de Gregor Samsa encurralando a estranheza de um ser desumanizado, obriga o actor Gisli Örn Gardarsson a preparar paredes com uma agilidade física estonteante) torna-se, em *Fausto*, uma verdadeira festa de efeitos especiais. Neste espectáculo, parte da acção desenvolveu-se numa rede gigante colocada por cima da cabeça dos espectadores, houve demónios acrobáticos, estouros e fumos. A aposta

#### Referência bibliográfica

IDEN, Peter (2011), "Symposium", in *Catálogo do 14º Prémio Europa*.